

Mudança, a palavra mágica...

por Mário Soares

A crise rebentou, à vista de todos. O sistema neo-liberal está podre. A economia de casino dos off-shores e das roubalheiras só trouxe desastres e escândalos. É preciso mudá-la! Quanto mais depressa melhor.

As últimas semanas têm sido arrasadoras para os que pensavam - e alguns ainda pensam - que era possível evitar a crise financeira mundial anunciada e a recessão para que caminham os EUA. Contudo, todos os sinais nos mostram que não é possível. A turbulência nas bolsas, nos EUA e no mundo inteiro, não obstante a queda da taxa de juros decretada, em desespero, pela Reserva Federal, e as medidas tomadas à pressa pelo Presidente Bush - um neo-liberal extremista e ultra-conservador obrigado, pela lógica dos acontecimentos, a recorrer aos ensinamentos de Keynes. Remédio tardio e de pouca dura. A Europa, não obstante as pressões políticas, não seguiu o passo da América. Fez bem, ao que julgo, em tomar as suas distâncias... Já não era sem tempo. O dólar está em queda livre e o euro começa a ser visto como a principal moeda de referência mundial. Se os responsáveis políticos europeus, tiverem a coragem de tirar daí as devidas consequências, o nosso futuro colectivo pode ser diferente.

O principal é perceber-se que o neo-liberalismo entrou em descrédito irremediável e a globalização selvagem, com as desigualdades a crescerem em flecha, dentro de cada Estado e entre os diversos Estados, tem de ser regulamentada, no plano mundial, pela ONU, se queremos fazer face aos desafios com que estamos confrontados. Se percebermos isso, rapidamente, na União Europeia - e agirmos em conformidade - poderá então, a Europa, vir a ter um papel decisivo, a que aliás tem jus, no contexto das Nações. O essencial é, contudo, compreender que o sistema financeiro-económico em que temos vivido no Ocidente - e quisemos impor ao Mundo - está esgotado e tem de mudar. Rapidamente. Os países emergentes estão atentos e têm cartas importantes a jogar...

Nos EUA, em ano de eleições, a mudança surge como inevitável. Tornou-se uma questão de sobrevivência. O desemprego em alta, a crise do sub-prime (financiamentos de alto risco), a inflação crescente, a queda imparável do dólar, as falências, a grande corrupção, as gestões fraudulentas, o caso paradigmático do City Bank, o maior banco do Mundo, aí estão para o demonstrar. Será que a Administração Bush se vê obrigada a autorizar que o City Bank seja comprado pelos chineses, para evitar a falência?...

Para não falar do impasse das guerras no Próximo Oriente - Iraque e Afeganistão - e da incerteza que levaram à Região: do Líbano ao Paquistão, da Arábia Saudita ao Irão e agora ao Egipto, com o agravamento do conflito Israelo-Palestiniano, após a visita de Bush, que foi um não acontecimento... Os neo-cons falharam em toda a linha. Os anos do mandato de Bush foram os piores da história americana. E ainda estamos para ver como vão acabar...

Os americanos em geral já se aperceberam da extensão do desastre. Mudança é a palavra mágica. Mas para onde? E como? Esse é o problema dos candidatos democratas e até dos republicanos, os que se distanciaram mais de Bush, os únicos que contam.

Mas do que vos quero falar é do ambiente de crise que se instalou nos EUA e de que há sinais claros na banca europeia. Strauss-Khan, director executivo do FMI, disse em Davos que «o pior está ainda para vir e que a conjuntura é de grande gravidade». Por isso, reconheceu: «Não se pode apenas depender de políticas monetárias para responder ao abrandamento económico». E acrescentou: «É preciso deixar crescer os déficits», para desenvolver políticas sociais e ambientais. É pena que só agora o reconheça. Mas mais vale tarde do que nunca. No que foi acompanhado pelo presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick. Duas instituições financeiras chave do sistema financeiro, obsoletas e que devem ser reformuladas e integradas nas Nações Unidas. É tempo de o fazer.

Lisboa, 28 de Janeiro de 2008